

## VOCAÇÃO NA INFÂNCIA É POSSÍVEL!

**Carla Nunes de Barros Freitas**

**País: Colômbia - Américas**

Até onde consigo lembrar, era um domingo de manhã na sala dos juniores no segundo andar da Primeira Igreja Batista de Belo Horizonte. Mas não nego a possibilidade de ter sido um domingo à noite na sala mais ao fundo do mesmo corredor, onde acontecia o culto infantil. As lembranças estão um pouco turvas na minha mente ainda que nem faça tanto tempo assim. Hoje tenho 33 anos, naquela época, deveria ter uns 9. O fato é que parecia ser um domingo comum, em que cantaríamos corinhos, escutaríamos a história bíblica, faríamos a tarefa e comeríamos o lanche. A hora do lanche era para muitas crianças a mais esperada, mas para mim, a melhor hora era a da história.

Eu amava ouvir as aventuras dos personagens bíblicos e imaginava como seria se eu estivesse ali. Eu tentaria convencer Jonas a não subir naquele barco, acordaria Sansão antes de que Dalila cortasse seu cabelo, tocava uma das trombetas que derrubou o muro de Jericó, pularia de felicidade ao ver o maná cair do céu e, entre tantas coisas que eu me imaginei fazendo, a mais desejada era sentar aos pés de Jesus para escutar seus ensinamentos.

Porém, aquele domingo foi diferente. Uma moça que eu nunca tinha visto entrou na sala. Ela se identificou como uma missionária. Primeiro, nos ensinou uma canção que dizia que Cristo ama as criancinhas do mundo todo. Depois, começou a explicar que ao redor do mundo existem muitas crianças que nunca escutaram de Jesus e nem conheciam os personagens bíblicos que eu tanto amava.

Ela disse que era preciso mais missionários para ir até essas crianças para contar-lhes as histórias que eu escutava todos os domingos. Meu coração apertou. Não podia entender como era ser criança sem conhecer aqueles que eram os meus heróis. Senti uma grande compaixão e ali aceitei o convite que ela nos fez. Eu seria uma missionária.

Hoje, já missionária pela Junta de Missões Mundiais na Colômbia há 8 anos, posso discernir que o que aconteceu naquele domingo foi minha experiência de vocação ao ministério.

### **Vocação é um assunto tão sério que deve ser levado para a sala infantil**

Frequentemente tratamos do tema “vocação” com os jovens e os adultos das nossas igrejas. Talvez porque acreditamos que esses teriam mais autonomia para tomar decisões e se engajarem no serviço do Reino. Entretanto, não consideramos o alto poder de adesão presente na infância. Quando a Palavra diz em Provérbios 22:6: “Instrui o menino no caminho em que deve andar, e, até quando envelhecer, não se desviará dele”, nos indica que essa etapa da vida guarda a incrível capacidade de adesão a crenças, valores, condutas, padrões, ou seja, de transmissão da cosmovisão, do conhecimento de mundo.

De acordo com pesquisas realizadas por diferentes organizações cristãs, crianças e adolescentes que são apresentados ao evangelho entre os 4 e os 14 anos tem mais probabilidade de aderi-lo que jovens e adultos. Em 2015, a *National Association of Evangelicals* encontrou que 63% dos cristãos se converteram neste período que ficou conhecido como a Janela 4-14. Assim, minhas experiências de conversão e de vocação não foram isoladas. Crianças são capazes de tomar decisões e construir suas vidas sobre os pilares das informações que receberam na “salinha”.

Se vamos ao campo da cognição, ou seja, capacidade que todo ser humano possui de aquisição de conhecimento, encontraremos um teórico chamado Jean Piaget, que influenciou a pedagogia do século XX. Segundo ele, o indivíduo possui maior desenvolvimento cognitivo na infância. É até os 12 anos de idade que iremos processar a maior quantidade de informações para transformá-las em conhecimento. Isso acontece por meio de dois processos: assimilação (associação realizada pela criança das novas informações com as suas experiências anteriores), e acomodação (modificação da criança para a incorporação das novas informações).

Podemos traçar um paralelo entre a teoria de Piaget e meu testemunho pessoal. Naquele domingo recebi novas informações sobre a existência de crianças que não conheciam a Jesus. Associei essas informações com as minhas experiências anteriores de aprendizado sobre a Bíblia, o que gerou empatia e compaixão por elas. Logo, acomodei a mim mesma na perspectiva daquelas novas informações e desejei ser missionária. Dali para a frente, todas as decisões que tomei na minha vida como hábitos, amizades, estudos, casamento, etc., foram para corroborar com a cosmovisão que havia adquirido, ou seja, para viver a minha vocação.

### **Comunicação clara é fundamental para a experiência de vocação**

É importante ressaltar que a experiência de vocação, também conhecida como chamado, está marcada pelo encontro de três agentes que são fundamentais, pois a ausência de qualquer um deles não permitiria que a esta fosse realizada. Na dinâmica entre eles, um exerce papel definitivo na condução da ação dos outros dois agentes. Este é o Espírito Santo.

O Espírito Santo dirige todo o processo que levará a experiência de vocação do cristão. Sabemos que todo cristão é vocacionado por Deus para a obra missionária, conforme está escrito em Atos 1:8. Entretanto, há uma vocação ao ministério de tempo integral, em que o vocacionado entende que todos os seus esforços serão investidos na realização do trabalho eclesial. É o Espírito Santo quem, segundo seu desejo, chama cristãos para essa tarefa.

Outro agente envolvido na experiência de vocação é o vocacionado, aquele que é despertado pelo Espírito para comprometer-se com o Reino. Em meu caso, ter reconhecido minha vocação ainda pequena me permitiu viver uma preparação para ir ao campo. Entendi que viveria longe da minha família e do meu país; procurei adquirir conhecimento e destrezas no trabalho da igreja local para que no campo distante eu pudesse servir melhor; e fiz escolhas conscientes que me levaram a desenvolver minha vocação.

Por fim, temos um agente que executa um papel fundamental: o de ser canal de informação sobre a necessidade existente e urgente de vocacionados. Em minha experiência, essa função foi cumprida por aquela missionária, que chegou até nós porque a igreja tinha uma visão missionária que incluía as crianças. Em outras experiências, a informação pode ter sido comunicada pelo promotor de missões, pelo líder de célula ou ministério, pelas notícias em veículos de comunicação dedicados a missões, etc.

O fato é que, assim como é indispensável a participação do canal que informa, é indispensável pensar em como informar. Existe um esquema clássico na comunicação que é: emissor -> mensagem -> receptor. Para que a mensagem chegue claramente ao receptor, ou seja, que a intenção comunicativa do emissor seja alcançada, não pode haver ruído na comunicação, ou este deve ser minimizado o máximo possível. Para isso, é preciso conhecer o receptor de maneira que a informação possa ser comunicada para que ele a entenda.

Falar de vocação para crianças é entender como elas podem responder positivamente à necessidade informada. É também entender como envolvê-las no tema e levá-las a serem ativas no cumprimento da vocação ainda sendo crianças. Graças a igreja em que eu passei boa parte da minha infância, pude exercer minha vocação ao ter a incrível oportunidade de como mensageira do Rei fazer viagens missionárias para apoiar o projeto de plantação de igrejas no interior de Minas. A experiência de pregar em praça pública, de visitar casas para falar sobre o plano de salvação e ver pessoas se convertendo me marcou profundamente. Há uma enorme possibilidade de que diante de uma comunicação assertiva crianças assimilem a informação recebida sobre a necessidade de vocacionados, acomodem a si mesmas para se apresentarem como resposta à esta necessidade, se envolvam no Reino ainda pequenas e preparem-se para viver plenamente a sua vocação quando adultas. Investir em formas de abordagem do tema vocação dentro da salinha é um excelente caminho, senão o melhor, para o desenvolvimento e crescimento do trabalho ministerial futuro.